

# Um hospital que vive de polêmicas

*Secretário de Saúde, Jofran Frejat, diz que projeto para Samambaia será mantido, mas arquiteto quer rever a estrutura*

Cibelle Colmanetti  
Da equipe do **Correio**

**C**oberto por dez anos de pó. Elaborado entre 1989 e 1990, durante o mandato do então governador biônico Joaquim Roriz, o projeto do Hospital de Samambaia ficou engavetado por todo este tempo. Falta de dinheiro, programas prioritários, construção de outros centros hospitalares, tudo foi motivo para deixá-lo debaixo de pilhas de documentos. Com o retorno de Roriz — o escolhido da grande maioria dos moradores de Samambaia —, a instituição de saúde volta às discussões. Afinal, sai ou não sai?

A principal pergunta da população ainda não tem resposta, pois o hospital continua sem data para o início de sua construção. “Precisamos apenas fazer o projeto do cálculo estrutural para que seja encaminhada a licitação da obra”, justifica o secretário de Saúde Jofran Frejat. As duas etapas, no entanto, são exatamente as mesmas que faltavam para o projeto sair do papel em 1990.

Parte dos R\$ 30,5 milhões necessários para a abertura do hospital regional estão, ao menos, previstos no Orçamento da União. Na intenção de gastos federais, a obra foi incluída pela bancada de Brasília no Congresso Nacional. Mas isso não significa que haverá mesmo dinheiro para repassar ao governo do Distrito Federal. Ainda mais em tempos de crise e corte de despesas gerais.

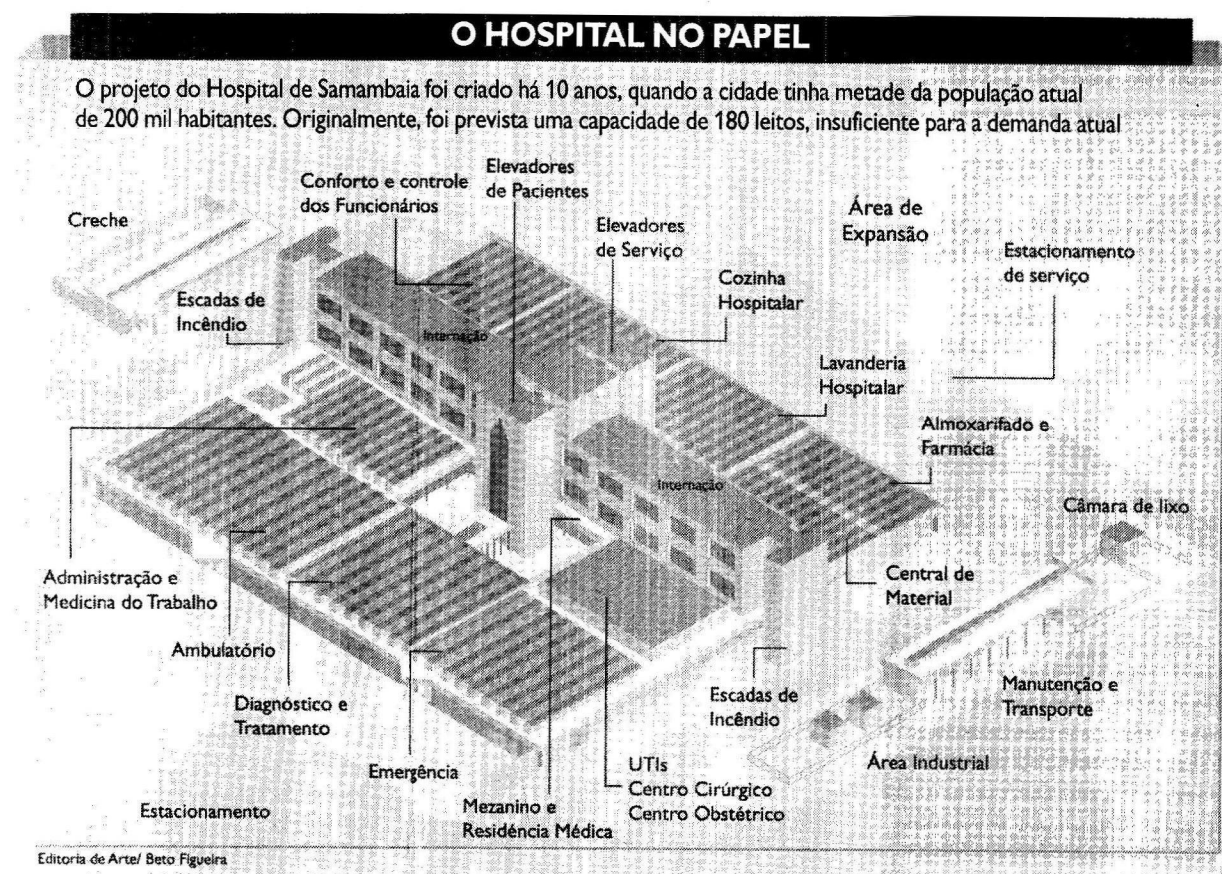
## DEFASAGEM

Para completar, o hospital é questionado por seu próprio criador, o arquiteto Frederico Flósculo Barreto, 40 anos. À época servidor da Fundação Hospitalar e atualmente professor da Faculdade de Arquitetura da UnB, ele enfatiza a necessidade de discutir as evoluções tecnológicas no campo da medicina antes de se pensar em construir o prédio.

“Fizemos um projeto muito bom”, diz ele sem modéstia, “mas é necessário repensá-lo porque já se passou uma década”. Um exemplo: um exame específico para detectar a taxa de glicose no sangue, que antes só poderia ser feito em um laboratório, agora é realizado em 30 segundos por um pequeno aparelho.

Para verificar se a estrutura física do hospital está de acordo com as técnicas medicinais em voga, Flósculo sugere que os representantes de várias áreas médicas sejam ouvidos. “Se o Hospital Regional de Samambaia for construído do jeito que está no projeto, será 90% certo. Os outros 10% dependem da atualização tecnológica e também da discussão com a própria comunidade”, acredita o professor.

“O projeto continua atual”, assegura o secretário Frejat. São 23 mil metros quadrados de área construída, no lote 1 da EQS 402/404. Os dois andares do hospital têm espaço para todas as especialidades médicas, UTI adulta, pediátrica e coronariana, maternidade, berçário e



centro cirúrgico. Frejat afirma também que serão abertas 330 vagas para médicos e, pelo menos, mil novos postos de trabalho.

Além disso, a área livre pode ser ocupada por novo prédio, aumentando a capacidade do hospital para até 600 leitos. No entanto, esta expansão necessitaria de outro projeto, nova licitação e muito mais dinheiro.

## PROMESSA

O professor Frederico Flósculo acredita que, mesmo se o hospital sair do papel, as deficiências na saúde não diminuirão por completo. “Com uma população de

quase 200 mil pessoas, a cidade deveria ter seis centros de saúde funcionando a pleno vapor. Sem isso, a emergência do hospital ficará igual a dos outros hospitais do DF: completamente lotada”, argumenta. Na cidade, há quatro centros construídos, dos quais apenas dois funcionam.

Por conta disso, a desempregada Estenilde Pereira Araújo, 23 anos, optou por fazer o pré-natal no Plano Piloto. No último dia três, ela passou mal de madrugada em sua casa, na quadra 413. Debaixo de uma chuva torrencial, o marido foi obrigado a levá-la até a cidade de Taguatinga, onde nas-

ceu a terceira filha do casal, Jennifer. “Toda vez que precisar levá-la ao médico terei de fazer a mesma coisa”, constata a mãe.

O aposentado por invalidez Ivaldo Cunha, 47 anos, mora na quadra 429 há nove anos e já ouviu mais de uma vez que o hospital de Samambaia seria construído. Até hoje, a pedra fundamental é a única referência ao novo prédio a ainda fica em outro lugar, na QS 206. Ivaldo, que sofre de hérnia de disco há anos, não mostra esperança alguma. “Estamos todos cansados de promessa”, diz ele.

■ Colaborou: Taís Braga

## A planta já está garantida

Ainda sem data para o início da sua construção, o Hospital Regional de Samambaia já tem a planta garantida e falta apenas o projeto do cálculo estrutural para seja encaminhada a licitação da obra, segundo adiantou o secretário de Saúde, Jofran Frejat. “Samambaia era uma das poucas cidades com mais de 300 mil habitantes que não tinha sequer um leito hospitalar público”, justificou o secretário.

Projetado para uma área de 23 mil metros quadrados na quadra 204, lote 1, (próximo à Telebrasília), o hospital terá dois andares e contará com todas as especialidades médicas, incluindo uma UTI, maternidade e berçário e sala de cirurgia. A obra está orçada em R\$ 30,5 milhões. “Se gastamos R\$ 6 milhões por mês com o antigo Saúde em Casa, em cinco meses poderemos ter o hospital concluído”, calcula o secretário.

O projeto, feito entre os anos de 1991 e 1992, “continua atual”, assegura Frejat. Com o novo hospital, serão abertas 330 vagas para médicos. A expectativa é que sejam gerados pelos menos mil postos de trabalho. Quando foi projetado, no governo anterior de Roriz, o GDF recebeu uma verba de US\$ 500 mil, que não foi utilizada e, por isso, devolvida. No orçamento da União foi aberta uma rubrica para a construção deste hospital, embora o GDF deva entrar com uma contrapartida, segundo esclareceu o secretário. A construção do hospital de Samambaia, esclareceu o secretário, é “um compromisso político” do governador Joaquim Roriz.